

V ESCULTURAS NA EXPOSIÇÃO
LUSITANIA ROMANA. ORIGEM DE DOIS POVOS
PROPOSTAS DE LEITURA

Cátia Mourão

Março de 2016 – quintas-feiras, das 18:00 às 19:00

Em cada uma das cinco conferências será destacada uma obra icónica da exposição *Lusitânia Romana. Origem de dois Povos*, onde a escultura em mármore tem presença relevante. Diferentes em termos estéticos, técnicos, iconográficos e funcionais, documentam aspectos fundamentais da romanização e dos processos de “marmorização” e aculturação religiosa da Província mais ocidental do Império. As apresentações partem da observação presencial das peças, compreendem uma comparação com outras obras visualmente próximas e adiantam propostas de leitura e contextualização.

Dia 3 – O Aion-Phanes, dito *Mitra* (Cerro de San Albín, Mérida)

Estátua de vulto pleno, representando figura antropomórfica masculina jovem, de corpo inteiro, desnudado e apolíneo, de pé e em pose estática. Tem cabelo denso, rosto inexpressivo, de feições delicadas e olhos não trepanados. Ostenta uma pequena cabeça de leão no tórax e um enorme ofídio enrolado à sua volta, em altura. Aos pés conserva, de um lado, uma cabeça de bode e, do outro, vestígios de um elemento entretanto desaparecido (talvez um carneiro). Exibe fractura na base do pescoço, que testemunha o destacamento e a reintegração da cabeça (encontrada em 1913) no corpo (encontrado em 1902); apresenta os braços amputados abaixo dos ombros e o nariz parcialmente destruído; nas costas, entre as omoplatas, tem duas reentrâncias rectangulares onde encaixariam elementos perdidos (provavelmente duas asas ou as duas pontas de um crescente lunar) e na cabeça tem furações onde encaixariam os espigões de um elemento também desaparecido (previsivelmente o pescoço e a cabeça do ofídio).

Embora identificada como efígie de Mitra, não detém o barrete frígio (atributo mais comum desta divindade de origem oriental, ligada ao culto solar), nem protagoniza uma tauroctonia, nem integra um banquete, nem parece nascer da *petra genetrix* (cenários principais da sua iconografia no ocidente). Com efeito, em termos visuais e simbólicos será mais próxima de Aion (deus do tempo cíclico e eterno, que não seria estranho ao culto mitraico), de Phanes (deus alado, da vida e da criação, referenciado no Eros grego e no Osíris-Chronocrator egípcio, e contemplado no culto órfico) e de Arimanius (deus leontocéfalo, que poderá representar a faceta mais agressiva deste antropocéfalo e que era venerado no culto mitraico). Os atributos animais remanescentes reiteram-no como divindade temporal: o felídeo poderá indicar o tempo presente, solar; o ofídio o tempo eterno, lunar; o caprídeo o tempo cíclico, sobretudo se tiver estado em oposição a um ovídeo.

Parecendo resultar de um sincretismo religioso, a imagem provirá do *Mithræum* de Mérida e pertence ao Museo Nacional de Arte Romano.

Dia 10 – O Tritão (*Villa romana de Quinta das Longas, Elvas, Portalegre*)

Estátua de vulto pleno, representando figura híbrida masculina jovem, de corpo inteiro, desnudado, maioritariamente antropomórfico até às coxas e anguiforme abaixo destas, com o torso erguido e em atitude dinâmica, elevando a cabeça e voltando-a a três quartos. Tem cabelo em madeixas revoltas, rosto expressivo, de feições agrestes, orelhas pontiagudas e olhos trepanados. A meio da perna e à volta desta apresenta membranas trilobadas. No ombro esquerdo é visível a marca de apoio a um objecto perdido (possivelmente uma concha ou um remo); na nádega esquerda e na coxa direita conserva vestígios de pontos de apoio a elementos desaparecidos (talvez um remo, uma concha ou os enrolamentos dos membros inferiores). Todos os membros estão incompletos.

Genericamente referida como *figura masculina anguípeda*, tem sido comparada com os gigantes e os tritões, próximos em termos formais. Em termos iconográficos é mais evidente a semelhança com os múltiplos de Tritão (deus aquático, filho de Poseidon e Anfitrite), que partilhavam características físicas e atributos com os faunos, e que foram representados com cauda dupla na arte helenística e na arte romana dos Sécs. I e II d.C.

A peça integrava um *nymphaeum* com cascata artificial, reforçando a sua ligação às águas, juntamente com outras figuras (possivelmente uma nereide ou ninfa náíade, e uma Vénus Anadiomene ou do tipo *Sandal-Binder* particularmente comuns na arte helenística e na arte romana dos Sécs. I e II d.C.). O espólio (que inclui vários fragmentos, de entre os quais um remo e uma concha) pertence ao Museu Nacional de Arqueologia.

Dia 17 – O Silvano (*Talavera de la Real, Badajoz*)

Estátua de vulto pleno, representando figura antropomórfica masculina adulta, de corpo inteiro, com túnica curta formando *kolpos* e cruzada por nébride, de pé e em contraposto. Tem cabelo fino, apanhado atrás, rosto inexpressivo, de feições toscas e olhos não trepanados. Carrega uma pele de carneiro, frutos, pinhas e espigas na nébride, que sustenta com o braço esquerdo (fragmentado). No lado exterior da coxa esquerda sobressai um ponto de apoio ao ovídeo e, talvez, a um outro elemento outrora posicionado mais abaixo, hoje perdido (provavelmente um cão). Apresenta fractura na base do pescoço, que denuncia a integração da cabeça (originalmente feminina e adaptada) no corpo; o nariz perdeu-se, o braço direito está amputado acima do cotovelo e as pernas abaixo dos joelhos.

Trata-se de uma imagem de Silvano, entidade romana protectora dos bosques, da vida rural e da prodigalidade dos campos (*numen sylvarum*) homologada com o etrusco Selvano e, presumivelmente, com o lusitano Endovélico, cujo culto terá atingido o máximo esplendor no séc. II d.C. Revela algumas proximidades iconográficas com Príapo, embora assuma uma atitude mais recatada e conglomere mais atributos: para além da pele de carneiro e talvez do cão (que indicam a extensão da sua protecção à pastorícia), poderá ainda ter associado um cipreste (que simboliza a sua ligação a Cyparissus), uma faca de poda, um cajado e até um pequeno altar (que remete duplamente para as oferendas sacrificiais e para a relação com os Lares).

Silvano é facilmente identificado em figurações integrais como esta, que pertence ao Museo Arqueológico Provincial de Badajoz. No entanto, pode também inferido ser em representações abreviadas, mormente circunscritas à cabeça, sob a forma de “máscaras” híbridas que combinam, numa estreita relação orgânica, a morfologia antropomórfica com os atributos vegetalistas, ou que constituem, *in extremis*, antropomorfizações da vegetação.

Dia 24 – O Imperador divinizado (Teatro, Mérida)

Estátua de vulto pleno, representando figura antropomórfica masculina adulta, de corpo inteiro, desnudado e hercúleo, de pé e em pose majestática. Está decapitada, mas na base do pescoço conserva o orifício para encaixe do espigão que segurava a cabeça (perdida). Tem duas *infulæ* sobre os ombros e um manto em volta da cintura, até aos joelhos. Os braços estão amputados abaixo dos ombros e as pernas abaixo do manto.

As *infulæ* indicam que a cabeça estaria coroada (possivelmente com a *corona ciuica*, de vergôntes de carvalho, árvore sagrada de Júpiter) e permitem identificar a figura como um Imperador; por seu turno, a nudez parcial, a compleição atlética olímpica e a escala superior à humana, aproximam-na da imagem de Júpiter, homologando simbolicamente o Imperador com a divindade capitolina. Assim identificável como a efígie de um Imperador romano divinizado (*Divus Imperator*), do tipo *Hüfmantel*, a estátua testemunha a difusão do culto imperial na Lusitânia, onde foi introduzido na época de Augusto, que compreendia a adoração, consagração, apoteose e imortalização do soberano.

Datável de meados do séc. I d.C. e pertencente ao Museo Nacional de Arte Romano, a obra integrava a *frons scænæ* do Teatro de Mérida, juntamente com outros retratos imperiais de corpo inteiro e com as estátuas de Ceres, Prosérpina e Plutão (deuses que estão na génese das Estações do Ano), num conjunto que diviniza e eterniza os imperadores, afirmando-os como facilitadores da perpetuidade do tempo cíclico, da prosperidade e da harmonia. A eles seria prestado culto mais reservado numa *Aula Sacra* do peristilo do Teatro, onde se encontraram outras imagens de Imperadores como Augusto velado (enquanto *Pontifex Maximus*).

Dia 31 – O Sarcófago das Quatro Estações (Monte da Azinheira, Évora)

Sarcófago em forma de lagar de vinho (*lenos*), originalmente coberto com tampa lisa, esculpido em alto-relevo na face anterior e em médio relevo nos topos: a frente está preenchida com uma composição horizontal, em dois planos, inscrita entre os rebordos superior e inferior, tendencialmente simétrica e centralizada num *clipeus* que encerra o busto do defunto, retratado como um homem adulto, de fisionomia africana, envergando túnica de manga comprida e segurando um *uolumen*. Lateralmente é sustentado por dois génios femininos, alados, e eleva-se sobre uma junta de bois conduzida por um camponês. Nos extremos estão personificadas as Estações do Ano, masculinas e aladas, interpostas pelas personificações da terra e da água, todos com respetivos atributos: à esquerda o Verão (com cesto de cereais e cornucópia partida) e o Inverno (com dois patos e cana), acompanhados por Tellus (coroada de espigas, com colar serpentiforme e cornucópia); à direita a Primavera (com cornucópia partida e cesto de flores, por onde espreita um erote) e o Outono (com cacho de uvas, ramo de videira e nébride com frutos), acompanhados por Oceano (com chifres e um *ketos*); no topo esquerdo

(correspondente à cabeceira) dois *putti* pisam uvas num lagar, e no topo direito (correspondente aos pés) um pastor, ou fauno, toca siringe e transporta um cajado. É notória a diferença técnica e estética entre a composição frontal e as laterais, sendo a primeira bastante mais aprimorada do que a segunda, o que revela execução por diferentes mãos. A face posterior está irregularmente desbastada, indicando que o sarcófago foi concebido para ser encostado a uma parede. O interior, não polido, tem uma elevação na cabeceira para apoio do crânio, em jeito de almofada.

A forma e a iconografia seguem os modelos em voga na escultura funerária romana dos séculos II e III d.C. e demonstram as preocupações escatológicas sentidas neste período. A associação da imagem do defunto e dos seus génios às Estações, aos trabalhos do campo, às vindimas e à pastorícia, à Terra e à Água revela uma crença na vida além morte, na regeneração e no eterno-retorno.

O sarcófago provém de uma antiga necrópole romana localizada no Monte da Azinheira (distrito de Évora) e pertence à Câmara Municipal do Porto, estando em depósito no Museu Nacional de Soares dos Reis.